

V. PAZ - ANDRADE  
**PRANTO MATRICIAL**

VERSIÓN PORTUGUESA  
DE  
GUILLERME DE ALMEIDA

É ésta a grande elegía pranteada por Valentín Paz-Andrade, em memoria de CASTELAO (Alfonso Daniel Rodríguez Castelao), símbolo que foi da sua amada Galiza, e no exílio «finóu en Buenos Aires o 7 de xaneiro do 1950». Escrito em galego, e já vertido em castelhana por María de Villarino, recibe agora o conmovido poema o meu tratamento em português: labor que me impuz com o pensamento e a vontade de prestar homenagem a Castelao e Paz-Andrade (ambos amigos meus desde os idos de 1933) e de determinar a umbilical similtude entre o idioma-tronco e o derivado, a denunciar a perenidade do galáico-português, vera fala da Raça.

G. de A.

## 1. O QUE TODO GALEGO CHORARIA

CHORA, TERRA, O TEU PRANTO  
das águas, e das lavras, e dos ares,  
as vivas páreas cósmicas da raça  
em manto de neblinas envolvidas,  
que o nosso fim a nossa origem ligam.  
Deita nas áureas leiras do horizonte  
lavradas de sóis-postos e levantes,  
em miçangas de luz a debulhar-se,  
as sementes feridas do teu luto.  
Harpa de nobres cordas esquecidas,  
ceva o teu som no coração retido,  
e fazes acordes num total latejo  
almas, pássaros, rios e paisagens.

Chora, Terra, o teu pranto generoso.  
O que todo galego choraria,  
em roda de multánime silêncio  
e olhares abatidos,  
por sôbre o longo corpo derrubado  
que fôra vivo mastro em luta nua;

perto daquêles beijos, sêca fonte  
do verbo nunca dantes mais formoso;  
do peito primacial, reflorescido  
de papoulas pampeiras  
que invejam a nascença dos tojais;  
e perto das maos-postas feitas gelo  
onde a eito brotaram da sua arte,  
no cerne da galega patronagem,  
viçosas primaveiras.

Chora, Terra, o teu pranto matricial.  
O que todo galego choraria,  
se inda chorar pudera,  
até cobrir de lágrimas o mar.

## 2. A DOR DA PAISAGEM

DAS AGUAS DOLORIDAS, DOCE PRANTO  
que escorra pela tez das alvoradas,  
desde a raiz das ervas  
distilado no pingo dos orvalhos,  
e solte seu latejo noite e dia  
nas rezadoras chuvas que soerguem  
o cantochão das telhas,  
e o responso românico das gárgulas  
por sôbre as pedras mortas de Santiago.

O cristalino pranto que é manado  
pelos olhos das pontes,  
onde o pulso dos rios esmorece,  
e se acumula com o sol-pôr calado,  
na verdecida soidão dos vales,  
toda a dor da ribeira sem cantigas,  
dos cruzeiros, das almas já sem luz,  
dos caminhos sem lida lavradora,  
dos lares sem o sangue que germina.

Pranto viril dos ventos galgadores  
alimentados pelo sal da Ria,  
que já não batem velas de Rianxo,  
e te chamam, Daniel, como voz ferida,  
—nas agulhas dos lentos pinheirais,  
verdes córos arpados de Salnés—  
ou com voz dos abismos, roncadeira,  
na cratera fatal das corredeiras,  
junto ás rochas de Sálvora.

O gemido de ferro dos motores,  
co'a agonia da névoa e dos naufrágios,  
chamam-te pelas bôcas de Marin;  
e o nacarado choro das buzinas,  
uivando nos salgados areais,  
sôbre as lajes rachadas das escarpas;  
nos cabos onde escacham as tormentas...  
co'o fôlego mais firme e sonoro  
que brotasse de peitos marinheiros.

E alem, nos cocurutos desnevados  
das serras fronteiriças,  
ou pelos carreadouros dos lugares  
esquecidos no êrmo,  
a impar trompa que talham os pastores,  
buzinada nas urzes,  
lance tambem no azul fanal aberto  
a coita da montanha taciturna.

### 3. A TERRA E OS SINOS

FOI A TERRA LEVADA,  
barro materno ao barro teu juntado,  
co'os líricos loureiros,  
no camposanto de Padrón ungidos  
pelo amor e a dor de Rosalía...  
sacra primeira estância dêste pranto.

Para compôr as outras,  
tangidos de uma vez de Sul a Norte,  
os sinos todos das igrejas todas,  
que por todos redobram,  
e tambem se ouvirân pelos obscuros,  
não acolheram no coral de bronze  
a dimensão da nossa desventura.

Por ti, Daniel, alem dos campanários,  
sinaleiros da morte empadroada,  
hão de dobrar, da vida, acentos novos;  
hão de dobrar as cordas dos espíritos;

das cousas, seus metais;  
das cousas,  
em que os homens deixaram em farrapos  
os farrapos da alma.

#### 4. LA LONGE...

##### QUE SE ESTUEM AGORA

os seus acentos líricos lá longe,  
vibradores na livre  
rêde dos meridianos de ultramar.  
E mergulhem, Daniel, no mesmo pranto  
as últimas esteiras  
das tuas singraduras à deriva  
espantosa de Marte;  
desde o trópico a fogo tatuado,  
à balbúrdia do Hudson, e às peladas  
serras de Araucania.

Em Cuba se derramen, e no mar  
de Cortés, e no ardente  
mato dos bandeirantes paulistanos,  
e nas punas do inca,  
e nos pampas do gaúcho cavalgadas,  
com Dom Segundo Sombra pelas dunas.

Océano de terres  
de encontro ao dique sísmico dos Andes,  
mexido pelo zonda sequioso  
e por quilhas sem leme navegado;  
natureza auroral que se espreguiça  
com enxêrto de vidas esgarçadas;  
foro aberto do mundo,  
onde a estrêla dos párias também luz;  
mapa de livramento pressentido,  
onde o sangue romeiro dos galegos  
a aventureira vocação renova.

## 5. TEU DESTINO

SEMEADOR DEIXADO,  
peregrino amoroso dos roteiros  
para o destino da Galiza abertos;  
flor das vidas chagadas no azedume  
incerto do desterro;  
a tua sina era morrer por lá.  
Por lá, sem escutar as elegías  
do violino dos cegos,  
e a sanfora de pedra dos Profetas,  
que somente por tí soar pudera.  
O de morrer sentindo na agonia  
a quentura arterial dos emigrados,  
longe do morno olhar das Dolorosas  
talhadas no respaldo dos cruzeiros.  
O de encorar a nau, desarvorada,  
nos molhes de alem-mar,  
abrindo sulcos novos á saudade;  
acendendo de novo as méchas da alma  
na Galiza emigrante, e na Galiza  
que ainda aguarda, Daniel, o teu retorno...



## 6. QUANDO VOLTARES...

NA MATRICIAL GALIZA, SEMPRE TUA,  
que desde a Torre de Hércules ao Minho,  
um facho acenderá em cada ilha,  
quando voltares pelo mar;  
de tojo unha fogueira em cada monte,  
quando voltares pelo mar;  
na coroa dos castros um archote,  
quando voltares pelo mar;  
uma loura candeia em cada pinho,  
quando voltares pelo mar;  
ou seu círio de arestas os ciprestes,  
quando voltares pelo mar;  
luzes de lume branco em cada mastro,  
quando voltares pelo mar;  
un farol marinheiro em cada dorna,  
quando voltares pelo mar;  
velinhas na janela em cada casa,  
quando voltares pelo mar;

e as pérolas das lágrimas vertidas,  
quando chegares pelo mar,  
quando chegares pelo mar...

Galiza, 1954

Tredução de GUILLERME DE ALMEIDA



SOUJO